

Excelentíssimo Senhor
MD Dr. Flávio Dino
Ministro da Justiça e Segurança Pública – Governo Federal
Coordenação-Geral do Gabinete do Ministro de Estado da Justiça e
Segurança Pública - CGGAB/GM/MJSP
E-mail: cggab.gm@mj.gov.br

Ofício nº 146/2023
Ref. Solicitação de providências – Morte do
indígena Agnaldo, da etnia Turiwara, na divisa dos
municípios do Acará com Tailândia/PA em
10/11/2023

São Paulo, 13 de novembro de 2023.

Senhor Ministro da Justiça,

A **Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns – Comissão Arns**, com a missão de promover a defesa dos direitos humanos, representada por seu presidente que esta subscreve, vem perante V. Exa solicitar que seja devidamente acompanhado e apurado o episódio que resultou na morte do indígena Agnaldo, da etnia Turiwara, no último dia 10 de novembro, na divisa dos municípios do Acará com Tailândia, conforme noticiado em anexo.

Confiamos em oportunas providências para apuração dos fatos e aguardamos informações sobre os encaminhamentos realizados.

Respeitosamente,


JOSE CARLOS DIAS
Presidente da Comissão Arns

Ailton Krenak
Líder indígena e ambientalista
André Singer
Cientista político e jornalista
Antônio Cláudio Mariz de Oliveira
Advogado, ex-presidente da
OAB/SP

Belisário dos Santos Jr.
Advogado, membro da Comissão
Internacional de Juristas

Cida Bento
Psicóloga, conselheira do CEERT

Cláudia Costin
Professora universitária,
ex-ministra da Administração

+ **Dalmo de Abreu Dalari**
Advogado, professor emérito e
ex-diretor da Faculdade de
Direito da USP

Daniela Mercury
Artista e ativista pela igualdade de
gênero e LGBTQIA+

Fábio Konder Comparato
Advogado, doutor *Honoris Causa*
da Universidade de Coimbra e
professor emérito da Faculdade
de Direito da USP

José Carlos Dias
Presidente da Comissão Arns,
Advogado, ex-ministro da Justiça

+ **José Gregori**
Advogado, ex-ministro da Justiça

José Luiz Del Roio
Radialista, Ex-senador na República
Italiana

José Vicente
Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares

Laura Greenhalgh
Jornalista

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Economista, ex-ministro da Fazenda, da
Administração e da Reforma do Estado

Luiz Felipe de Alencastro
Historiador, professor da Escola de
Economia da FGV/SP e professor
emérito da Sorbonne Université

**Manuela Ligeti
Carneiro da Cunha**
Professora da USP e da Universidade de
Chicago, e ex-presidente da Associação
Brasileira de Antropologia

**Margarida Bulhões
Pedreira Genevois**
Presidente de honra da
Comissão Arns, ex-presidente
da Comissão Justiça e Paz da
Arquidiocese de São Paulo

Maria Hermínia Tavares de Almeida
Cientista política, professora titular da
Universidade de São Paulo

Maria Victoria Benevides
Socióloga e cientista política, professora
titular da Faculdade
de Educação da USP

Oscar Vilhena Vieira
Advogado, professor da Faculdade
de Direito da FGV/SP

Paulo Vannuchi
Jornalista, cientista político,
ex-ministro de Direitos Humanos

Paulo Sérgio Pinheiro
Cientista político, ex-ministro
da Secretaria de Estado de
Direitos Humanos

Sueli Carneiro
Filósofa, feminista, ativista
anti-racista e diretora do Geledés

Vladimir Safatle
Filósofo, professor do
Departamento de Filosofia da USP

URGENTE – Seguranças da Agropalma matam um indígena e ferem outro no Vale do Acará



por **Paulo Jordão** 11/11/2023 em **Atualidades**

O indígena Agnaldo foi morto a tiros. Ao lado do corpo, o arco e a flecha que ele levava para caçar, juntamente com outros indígenas

Compartilhar

Twitter

O índio Agnaldo, da etnia Turiwara, foi assassinado a tiros ao amanhecer desta sexta-feira (10), dentro das terras que a empresa Agropalma diz ser dona, na divisa dos municípios do Acará com Tailândia, na região do Baixo Tocantins, nordeste paraense. Outro índio, Jonas, escapou de morrer por pouco, mas foi ferido na cabeça, perto de um dos olhos.

Um terceiro índio, José Luís, levou um tiro no peito, mas foi salvo pelo medalhão do cordão que usava, que amorteceu o impacto da bala. Os três faziam parte de um grupo de indígenas que sofreu uma emboscada no Vale do Acará, onde a Agropalma tem plantações de dendê, por volta de 5 horas da manhã de sexta.

A comunicação social do Ministério Público Federal (MPF) no Pará informou ao **Ver-o-Fato** que assim que tomou conhecimento da morte e baleamento dos indígenas, a procuradora da República, Meliza Alves Barbosa Pessoa requisitou à Polícia Federal a abertura de inquérito para apurar o caso.

Os índios seguiam em suas motos por uma antiga trilha, na direção da floresta, em busca de alimentos, como caça e pesca. As informações foram repassadas ao **Ver-o-Fato** por um líder indígena que testemunhou o ataque.

Segundo ele, a Polícia Militar e a Polícia Civil se negaram a prestar apoio aos indígenas, alegando que não poderiam entrar nas terras da empresa sem autorização. A Agropalma, por sua vez, teria mentido para os policiais por seus seguranças.

“Depois que a Agropalma proibiu a caça e a pesca que serviam para o nosso sustento, dizendo ser dona das terras onde nós vivemos, reunimos um grupo de cerca de 50 indígenas e seguimos por uma antiga trilha, a caminho da mata, em busca de comida”

“No meio da estrada – prossegue o indígena- apareceu uma caminhonete com cinco seguranças, que disseram ser policiais, desceram armados e jogaram gás lacrimogêneo. No meio da confusão que se formou, eles começaram a atirar em cima da gente, matando o Aginaldo e ferindo o Jonas e o Zé Luís”, disse o líder indígena ao **Ver-o-Fato**.



O indígena Jonas levou um tiro perto do olho e por pouco não morreu, como Agnaldo

Danos e roubo

Segundo o líder, os seguranças danificaram as motos dos índios e ainda roubaram o telefone celular do indígena morto. Depois do ataque, outros seguranças chegaram e fecharam a estrada, deixando o grupo indígena encurralado até o anoitecer, sem socorro, comida ou água, afirmou.

“Somente quando anoiteceu é que eu consegui sair do cerco feito pelos seguranças e andei pela mata até chegar na vila Forquilha, por volta de 23 horas, onde pedi ajuda. Mandaram uma ambulância para o local, mas os seguranças da Agropalma não deixaram entrar e disseram que não havia ninguém ferido ou morto”, disse o líder.

Da vila Forquilha, o líder indígena seguiu de carona para a vila Palmares, onde procurou a unidade da Polícia Militar. Uma viatura seguiu para o local apontado, mas novamente os seguranças disseram que não havia ocorrido nada de anormal e a PM desistiu de entrar na área.

Na Delegacia da Polícia Civil local, depois de muita insistência, a autoridade policial providenciou a remoção do corpo do índio Agnaldo para o Instituto Médico Legal de Tucuruí. A liderança indígena disse por

último que não sabe se foi aberto inquérito para apurar os fatos.

Com a palavra, a Agropalma

O **Ver-o-Fato** procurou a Agropalma – assessoria da empresa em São Paulo – para ouvir a versão da empresa sobre os crimes denunciados pelos indígenas. Ainda não obtivemos contato. O espaço está aberto à manifestação.

Atualização às 8h02

A assessoria de imprensa da Agropalma enviou ao **Ver-o-Fato** a seguinte nota:

“COMUNICADO À IMPRENSA: A Agropalma está aguardando a investigação dos fatos pelos órgãos competentes. A empresa se coloca à disposição das autoridades e irá colaborar com a elucidação dos acontecimentos”.